

BIS recebe hoje US\$ 160 milhões

**Da sucursal e das
agências**

O Brasil vai honrar o compromisso de pagar hoje US\$ 160 milhões ao Banco de Pagamentos Internacionais (BIS), assegurou ontem o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni. Assim, o Brasil completa o pagamento da primeira parcela de US\$ 400 milhões do empréstimo-ponte de US\$ 1,45 bilhão fornecido pelo BIS, dentro do prazo pactuado originalmente, embora insista na prorrogação da parcela a vencer em junho próximo.

Fonte da diretoria da Área Externa do Banco Central negou que o País já recorreu à Saudi Arabian Monetary Agency (Sama), o banco central saudita, para conseguir a recomposição das linhas de crédito interbancárias a favor dos bancos brasileiros com agências no Exterior, conforme informações dos centros financeiros europeus.

Segundo a fonte, nem a Sama ou qualquer outro banco central recebeu pedido do Banco Central para fornecer novos recursos fora do âmbito do BIS. O banco central saudita participou do empréstimo-ponte do BIS com US\$ 250 milhões, o que justamente permitiu o aumento da operação do US\$ 1,2 bilhão para US\$ 1,45 bilhão.

O suplemento analisa os principais aspectos do Brasil contemporâneo: dívida externa, política energética, inflação, impacto do preço do petróleo e o processo de abertura política que pode transformar o País "na terceira democracia do mundo" (depois dos Estados Unidos e da Índia).

"Para o observador habituado, o Brasil sem inflação é algo tão improvável como o Rio de Janeiro sem Copacabana", afirma **The Economist**. Desde fevereiro — acrescenta — a "pergunta é não tanto o que pode fazer o Brasil para se salvar, mas o que pode fazer o mundo econômico para ajudar o Brasil".

Depois de assinalar que politicamente "apesar da disparidade de rendas a maioria dos brasileiros vota pelo centro moderado", **The Economist** acentua que a classe dirigente brasileira é diferente da do resto do Continente, em particular graças a uma "ética protestante" que possibilita o progresso social.

"De Gaulle disse uma vez que o Brasil não é um país sério", mas se equivocava, segundo a revista. "Não é solene e os brasileiros sabem qual é a diferença", conclui a publicação.